

## Presença de Prometeu e Ahasverus em conto machadiano

Alexandre Vilas Boas da Silva\*  
Universidade Estadual de Londrina

---

---

### Resumo:

Este trabalho objetiva analisar o conto de Machado de Assis (1839-1908) intitulado "Viver!" (Várias histórias, 1895). Sua especificidade reside na situação de confronto entre personagem pertencente ao universo judaico-cristão, Ahasverus, e personagem pertencente ao universo greco-pagão, Prometeu. Esta especificidade reside ainda na estrutura textual próxima da de uma obra literária pertencente ao gênero dramático, dada a total dominância do clima de tensão efetivado exclusivamente através de diálogo. A análise proposta concluirá o vínculo do conto machadiano com obra literária de natureza trágica, bem como a compreensão pessimista de Machado de Assis da natureza humana, no conto, representada por Ahasverus.

---

---

*Responde, amigo: na desgraça  
se colhe alguma graça? A força  
humana tem qualquer valia?  
(Ésquilo 1997:158-9).*

O conto de Machado de Assis (1839-1908) intitulado "Viver!" foi publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias* em fevereiro de 1886. Nove anos depois aparece inserido na coletânea intitulada *Várias histórias*.

Neste conto duas personagens são colocadas frente a frente em situação de diálogo: Prometeu, representante da cultura pagã, e Ahasverus, da judaico-cristã. Aquele remonta à mitologia da Grécia Antiga, enquanto este nos remete ao mito criado na Idade Média. No conto não existe a tradicional figura do narrador. Machado construiu seu texto na forma de diálogo, da mesma forma que as peças de teatro. Excetuando-se a indicação posta no início do conto e o desfecho feito por duas águias, que permanecem sem intervir durante a obra, esta se faz inteiramente através do diálogo entre Prometeu e Ahasverus.

A indicação inicial, podendo ser denominada didascália por sua maneira de ser específica de textos dramáticos, dá-nos noções sobre o tempo e o espaço em que ocorrerá o conto:

Fim dos tempos. Ahasverus, sentado em uma rocha, fita longamente o horizonte, onde passam duas águias, cruzando-se. Medita, depois sonha. Vai declinando o dia. (Assis 1998:326)

---

\* Bolsista CPG-UEL a atuar como colaborador no projeto de pesquisa "Marcas do trágico nos contos de Machado de Assis e de Guimarães Rosa", coordenado pela Profa. Dra. Adelaide Caramuru César, desenvolvido no Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina desde outubro de 2000.

É neste cenário que Ahasverus é interpelado em seu monólogo por Prometeu. Ambas as personagens, como foi visto, embora sejam de tempos e culturas distintas, possuem em comum o fato de, na tradição mitológica, terem sofrido padecimentos sem período determinado para acabar, por assim desejarem as divindades. Vivenciam um tempo circular, o tempo do eterno recomeçar. Cada dia vencido é acompanhado de um refazer a pressupor uma nova derrota que será também superada para, assim, sofrer nova queda, fazendo cumprir, com isso, um tempo contínuo e cíclico.

Percebe-se no conto um distanciamento intransponível entre as divindades, que determinam a sorte de cada um, e os humanos que vivem um tempo linear no qual nascem, crescem e morrem. Prometeu e Ahasverus representam na produção machadiana em questão uma visão de mundo sem fim e sem melhora, uma exceção à regra de início-ápice-declínio inerente a todas as outras criações.

Prometeu, segundo a mitologia grega, fez os homens com lodo e água. Sua criação era considerada a mais indefesa dentre as mortais. Para poder elevar sua invenção, resolveu roubar o fogo da forja de Hefesto para lhes ofertar, fogo este que simboliza a razão reificada. Os humanos passam assim a conhecer as artes e as ciências. Conseguem, em parte, superar a fragilidade que lhes é inerente. Orgulham-se da civilidade que conquistam e julgam-se semelhantes aos deuses. Zeus, o deus soberano do Olimpo, se enfurece com tamanha insolência. Resolve agrilhoar Prometeu a um rochedo escarpado, ao qual uma águia divina comparecia durante o dia para devorar-lhe o fígado que à noite se reconstituía. De acordo com o helenista francês Jean-Pierre Vernant, o fígado de Prometeu, que se regenera diariamente, simboliza um tempo circular ou em “zigue-zague” (Vernant 2000:77). Trata-se de um tempo repetitivo no qual a ruína ao final de um dia é acompanhada de um renascer completo durante a noite, devendo ser novamente destruído para novamente renascer, devendo, segundo vontade de Zeus, seguir assim por toda eternidade.

Na mitologia, Prometeu se encontra posicionado hierarquicamente entre deuses e humanos, como mediador. Ele não é um titã, como o é seu pai, Jápeto, e nem um deus olímpico, por ser de natureza diversa destes. Porém, em “Viver!”, assim como na tragédia de Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, ele é elevado à categoria divina.

O mito de Ahasverus, por sua vez, foi “uma lenda formulada no século XIII” (Schüler 1992:09). Diz o relato mítico cristão que este sapateiro judeu de Jerusalém havia imprecado e negado auxílio a Cristo quando este passava com a sua cruz rumo ao Calvário, onde seria crucificado. Por conta de tal conduta, recebe um castigo do céu que o condena à solidão entre os povos. A pena é aumentada pela eternidade concedida pela divindade ao judeu. Torna-se um eterno erradio. O Ahasverus machadiano não podia nem mesmo trabalhar para escapar ao tempo. A eternidade era para ele um castigo, uma vez que, distanciado do trabalho, nada podia produzir. Da perspectiva do judeu errante, a divindade, somando a eternidade ao ócio a que ele fora relegado, teria, com isso, proporcionado uma punição extremamente cruel.

Por outro lado, para o Prometeu machadiano, a eternidade era uma dádiva, pois possuindo-a, ele tinha a possibilidade de vivenciar a história de maneira mais completa, não do modo fragmentado como os demais.

A situação das duas personagens que dialogam no conto é diversa daquela

descrita pela tradição. Em “Viver!”, Prometeu não está mais acorrentado, pois Hércules já o havia libertado. Também Ahasverus está próximo do momento de sua libertação, pois a humanidade toda se extinguiu, e, de acordo com o mito, seu castigo duraria até o fim da espécie humana. Só depois que o último mortal percesse é que ele poderia enfim morrer. No começo do diálogo, Ahasverus relata seus tormentos com melancolia e autopiedade. Nem mesmo o “cordeiro” divino, que dava a outra face, tivera piedade dele. Ele possui plena consciência da causa de seus sofrimentos; não padece, como um joguete do destino, sem saber as causas da sua desdita. Enquanto ele permanece resignado perante a divindade que lhe impôs a pena, Prometeu continua insolente como na tragédia de Ésquilo.

Prometeu do alto de sua posição divina trata o humano Ahasverus com certo sarcasmo e ironia por já antever o futuro que o aguarda. Seu próprio nome etimologicamente significa precavido, ou o que vê (e pensa) antes.

Tanto Ahasverus quanto Prometeu parecem possuir visão trágica do mundo. Ambos demonstram ter consciência da efemeridade das coisas – tudo flui. A segurança e a felicidade estão constantemente ameaçadas por uma ação desmedida (*hybris*) das personagens que, conseqüentemente, serão castigadas (*hamartia*). Ambos sabem que, com muita naturalidade, a prosperidade alterna-se com a desolação, a vida com a morte, até tornar fastidiosa tal regularidade para os olhos desses seres seculares.

No decorrer do diálogo, Prometeu se identifica como criador da raça humana. O judeu errante se encoleriza por vislumbrar que, ao ter Prometeu criado a humanidade, gerou, com isso, todos os seus males. Ahasverus, que a princípio desconfia das palavras do grego, abandona sua crença judaica e acredita na história recém relatada, ou seja, crê que Prometeu (figura pagã) tenha sido realmente o criador da humanidade. Resolve, então, aprisionar o deus para vingar a si mesmo e a toda humanidade que sofrera com tal criação. Prometeu é novamente acorrentado. Com serenidade, ele prevê que o judeu será em breve seu novo libertador. Ahasverus duvida e pensa que Prometeu está delirando. É neste ponto que Prometeu inicia um discurso, no qual colocará em prática sua astúcia e poder de persuasão, pelo qual é reconhecido na mitologia grega. Usa inclusive referências ao Antigo Testamento para melhor convencer Ahasverus. Promete-lhe glórias futuras. Prometeu se sobressai, pois, pela astúcia e não pela força bruta.

Ahasverus, tendo sua vaidade e cobiça incitadas por Prometeu, troca toda ira de antes pela afabilidade. Agrada-lhe a idéia de se tornar o “elo” (Assis 1998:332) entre a civilização imperfeita, já extinta, e a sublime civilização futura, prometida por Prometeu, que seria perfeita, liberta de males, egoísmo e vaidades. A mesma paisagem que era antes enfastiante para Ahasverus, com o recente entusiasmo, torna-se bela e aprazível, diante da promessa utópica de vida “nova e melhor” (Assis 1998:333). Assim como na tragédia grega, o destino é imutável. Prometeu afirma: “Não arrancará uma letra ao teu destino, ele se cumprirá inteiro” (Assis 1998:331). Com isso, Ahasverus passa novamente a figurar como vítima impotente diante das vontades divinas, assim como Prometeu fora outrora: destituído de autonomia. Tanto em Ésquilo quanto em Machado, a ação trágica compromete forças sobre-humanas, inexistindo a possibilidade de efetivação da vontade individual. A regra parece simples: quem pos-

sui mais poder determina o rumo das coisas e ponto final.

Quando no século quinto antes de Cristo Ésquilo produziu a tragédia *Prometeu acorrentado*, a Grécia vivia um momento de transição e ruptura de antigos valores. Começava a se constituir o homem autônomo, que questionava se suas ações provinham de seus atos ou de desígnio divino. A humanidade, que conhecia somente os deuses e suas leis, passará a ter também seus direitos. Por outro lado, o mito de Ahasverus surge na Idade Média, momento no qual a Igreja procurava reforçar e estabilizar sua hegemonia. Os questionamentos não eram vistos com bons olhos. Naquele primeiro momento, liderava a instabilidade, a contestação; já neste segundo, mais recente, ensinava-se a renúncia, o conformismo e a resignação. Essas características estão refletidas nas personagens de cada época: Prometeu, insolente, questiona; Ahasverus, impotente, resigna-se.

Alguns autores vêem o *Prometeu acorrentado* como alegoria política daquela época. Todavia é sabido que o desfecho da trilogia – *Prometeu acorrentado*, *Prometeu portador do fogo* e *Prometeu libertado*, de Ésquilo, da qual conhecemos integralmente só a primeira parte – se faz de forma conciliadora. O herói é liberto e reconcilia-se com Zeus. Pode-se perceber que os delineamentos do trágico são mutáveis, pois, mesmo tendo a trilogia tal desenlace, não deixou de ser considerada uma tragédia. Para Vernant e Naquet, mesmo neste tipo de desfecho a “angústia jamais deixa de estar presente” (Vernant 1977:20), pois não existe resposta plenamente convincente às questões que causam a inquietação.

O trágico é caracterizado pelo questionamento de valores antes tidos como irrefutáveis. Este questionamento é proveniente do fato de ter havido, no caso da Grécia do século V antes de Cristo, mudança na estrutura social, conduzindo tal fato à reconsideração de valores antes inquestionáveis. A velha aristocracia com seus valores do *oikos*, lar, cede seu espaço à democracia com seus valores da *pólis*, cidade-estado. Machado de Assis também viveu em uma época na qual novos valores estavam se consolidando: os valores da burguesia. Como artista de primeira grandeza, não deixou de perceber as modificações estabelecidas e suas conseqüências para a vida em sociedade. Os novos valores são, em sua obra, questionados.

Mesmo passados mais de dois mil anos entre a produção das tragédias gregas e os escritos de Machado de Assis, percebe-se que o sentimento do trágico perdurou, é certo que modificado, porém vivo. Na tragédia moderna, o drama é interiorizado e o herói entra em guerra consigo mesmo. Modernamente a situação trágica, não precisa envolver cenas dolorosas, cruéis ou de morte. Basta ao autor conduzir o receptor a um sentimento de instabilidade, de dúvida entre aspectos antitéticos para se obter o efeito do trágico.

Em “Viver!”, o súbito arrebatamento de Ahasverus contradiz a reflexão milenar que a personagem havia feito. A decisão de antes – o desejo de morrer e punir seu malfeitor – que parecia, à primeira vista, imutável, é abandonada. Seduzido, ele finalmente liberta Prometeu, como havia sido previsto pelo grego. O judeu vislumbra em seu devaneio possibilidades de conquistar poderes. Anima-se com a idéia e não fala mais em sofrimentos. Tal conduta caracteriza o judeu errante como personagem antitrágica, embora parecesse, numa primeira instância, uma personagem trágica por

seu destino. Viver é para ele condição ambígua e instável. Ahasverus não manteve as suas decisões até as últimas conseqüências, como faria um herói trágico “tradicional”. Édipo, da tragédia de Sófocles, *Édipo rei*, leva a investigação do assassinato do rei Laio (seu pai) até o fim, mesmo prevendo as possíveis conseqüências catastróficas, para si mesmo, de tal persistência. Ahasverus, opostamente, cede à sedução de Prometeu, revelando-se, desta forma, um ser fraco a pautar seus valores de acordo com a conveniência de um bem viver.

O zelo é uma palavra de primeira importância no conto machadiano e merece algumas considerações. Foi o zelo o causador da “culpa” do judeu, pois quando acreditava estar fazendo uma ação valorosa aos olhos de seus companheiros, estava, na verdade, cometendo uma transgressão imperdoável:

Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquele que ia morrer. Não sei mesmo como isto foi. Os fariseus diziam que o filho de Maria vinha destruir a lei, e que era preciso matá-lo; eu, pobre ignorante, quis realçar o meu zelo e daí a ação daquele dia. Que de vezes vi isto mesmo, depois, atravessando os tempos e as cidades! Onde quer que o zelo penetrou numa alma subalterna, fez-se cruel ou ridícula. Foi a minha culpa irremissível. (Assis 1998:328)

A limitação da interpretação dos fatos resultante dos valores culturais não questionados impediu que Ahasverus visse a solicitação de Cristo de forma diferente daquela transmitida pelos fariseus. Foi esse o primeiro erro de Ahasverus. O segundo consistiu em aguardar compaixão divina sem, no entanto, recebê-la. Foi também por diligência que Prometeu furtou o fogo divino. Tanto para Prometeu quanto para Ahasverus, a dedicação foi causadora de desditas. É este mesmo zelo que concomitantemente é motivo de orgulho para a humanidade, e de vergonha. Prometeu por seu zelo frente à sorte dos homens demonstrou possuir vontade própria e ousadia, aproximando-se dos deuses imortais. Ahasverus, por sua vez, através de seu zelo, mostra sua visão limitada, estando sempre a prestar serviço aos que se encontram no poder. O leitor espera presenciar, com tal experiência milenar do judeu errante, uma evolução tanto no plano das idéias, quanto no plano das ações, o que acaba não acontecendo. No desenlace de “Viver!”, Ahasverus age de maneira eufórica e desarrazoada, contradizendo seu discurso inicial. Isto ocorre por conta de seu desejo de poder.

As personagens que encerram o conto são duas águias. Cada uma pronuncia uma sentença conclusiva a marcar a leitura feita da situação de confronto que caracterizou o texto como um todo. A intervenção ocorre à maneira do coro na tragédia grega, ou seja, sintetizam em suas palavras a realidade por elas presenciada. Eis as palavras das águias:

UMA ÁGUIA. – Ai, ai, ai deste último homem, está morrendo e ainda sonha com a vida.  
 A OUTRA. – Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito. (Assis 1998:334)

Sendo Machado de Assis herdeiro da tradição literária ocidental, que teve a cultura grega como “marco”, fica claro, pela leitura de “Viver!”, o vínculo do nosso escritor oitocentista com os trágicos. Fica igualmente claro que não se limitou a transcrevê-los. Quando presentes em seus textos, aparecem para melhor caracterizarem o registro de sua visão desencantada da humanidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de (1998). *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo, Companhia das Letras.
- ÉSQUILO (1997). “Prometeu prisioneiro”. *Três tragédias gregas*. Organizado por Guilherme de Almeida, Trajano Vieira. São Paulo, Perspectiva.
- SCHÜLER, Donaldo (1992). “Sobre a gênese do gênio”. *Revista Travessia*. Florianópolis, 25: 9-15.
- SÓFOCLES (1998). “Édipo rei”. In: \_\_\_\_\_. *A trilogia tebana*. Tradução de Mário da Gama Kury. 8. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar. p. 19-99.
- VERNANT, Jean-Pierre (2000). *O universo, os deuses, os homens*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras.
- VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre (1977). *Mito e tragédia na Grécia antiga*. Tradução Anna Lia A. de Almeida Prado, Maria da Conceição M. Cavalcante e Filomena Yoshie Hirata Garcia. São Paulo, Duas Cidades.